

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MIRIAM RIBEIRO NOBRE

O BUDISMO TIBETANO CARIOCA

NITERÓI

2011

MIRIAM RIBEIRO NOBRE

O BUDISMO TIBETANO CARIOCA

**Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.**

Orientador: Prof. Dr. ANDRÉ QUEIROZ

NITERÓI

2011

MIRIAM RIBEIRO NOBRE

BUDISMO TIBETANO CARIOCA

**Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para obtenção do
Grau de Bacharel.**

Aprovada em dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. André Queiroz –Orientador
Universidade Federal Fluminense**

**Prof. Dr. Wallace de Deus
Universidade Federal Fluminense**

Orlando Antônio no Nascimento - Lama Karma Tartchin

Niterói

2011

Dedico esse trabalho à realização e felicidade de todos os seres, e em especial aos seres humanos tibetanos, que cada um, em seu lugar, encontrem suas terras prometidas.

Agradecimentos

Agradeço ao Lama Karma Tartchin , Raul e Adriana. Minha mãe e dona Luana Lessa. E principalmente à minha sister.

Uma árvore em flor fica despida no outono. A beleza transforma-se em feiúra, a juventude em velhice e o erro em virtude. Nada fica sempre igual e nada existe realmente. Portanto, as aparências e o vazio existem simultaneamente. Sua Santidade o Dalai Lama.

SUMÁRIO

<i>Sumário</i>	7
<i>Introdução</i>	8
<i>Apresentação</i>	10
<i>Bloco 1</i>	11
1.1-A Cultura e o Budismo	11
1.2- Cultura e Produção Cultural	13
1.3 - A Dinâmica da Cultura	16
1.4 -Práticas espirituais e cultura	19
1.5 - O Budismo Tibetano	20
1.6 - A Diáspora Tibetana	22
<i>Bloco 2</i>	26
2.1 - Um passado próximo: o budismo tibetano da linhagem kagyü na América do Norte.	26
2.2 - Ensinos Tibetanos, Lama Brasileiro	27
2.3 - A Gestão Secular do Espaço Sagrado	29
<i>Bloco 3</i>	32
Considerações Finais	32
<i>Referências Bibliográficas:</i>	34
<i>Livros:</i>	34
<i>Periódicos:</i>	34
<i>Áudio-visual:</i>	34
<i>Internet:</i>	35
<i>ANEXOS</i>	36

INTRODUÇÃO

Renda-se como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.
Clarice Lispector.

Tudo começou com uma enorme inquietação e curiosidade. As imagens do Buda me traziam alguma paz, ou uma vontade de paz e as vezes uma vontade de saber mais sobre seus ensinamentos. Não sabia muita coisa sobre o budismo, apenas algumas informações soltas sobre o Buda histórico. Fui a várias reuniões de diferentes seitas e linhagens. Entretanto numa quinta-feira de Agosto fui a um templo Budista na Rua Visconde de Caravelas, 115, Humaitá, Rio de Janeiro. Era o dia de meditação, detalhe: de olhos abertos, três sessões de vinte minutos. Para uma não praticante, como eu, parecia muito fácil. Neste dia percebi que vinte minutos pode ser um pedaço de eternidade. Achei muito difícil, mas me senti desafiada e desde então frequento este templo.

O lugar que descrevo é o Centro Budista Tibetano Karne Thegsum Tcholing, carinhosamente chamado de KTT pelos integrantes da instituição. O tipo de budismo praticado na instituição é o Vajrayana. No próprio site da KTT têm uma explicação bem sucinta dessa parte do Budismo:

O Vajrayana é uma linhagem do budismo tântrico, esotérico, que se desenvolveu de forma muito forte no Tibet após sua vinda da Índia do Buda Shakyamuni¹. (KARME THEGSUM TCHOLIM, 2008)

Dentro dessa parte a KTT segue a escola ou a linhagem Kagyu:

Uma das quatro maiores escolas do Budismo Tibetano, a escola Kagyu foi fundada no século XI e evidencia o estudo do tantrismo iogue aliado ao estudo filosófico intelectual tradicional das escolas budistas. O nome Kagyu significa "transmissão oral" e essa escola enfatiza que seus ensinamentos sejam passados oralmente de mestre para discípulo. (KARME THEGSUM TCHOLIM, 2008)

¹ Os historiadores e acadêmicos chamam o Buda Shakyamuni de Buda histórico: Sidarta Gautama.

Minha busca por um tema para a monografia terminou quando me senti desafiada. Na verdade, a busca nunca terminou, mas os rumos da pesquisa foram mais delimitados a partir do desafio. Alguma meditação depois me fez algumas perguntas: quem são essas pessoas? Como se conheceram? No maior país católico da América Latina o que motiva a reunião desse grupo? Na contínua compressão do tempo pelos inúmeros afazeres cotidianos o que leva essas pessoas a sentar na posição de lótus e se esforçar em não pensar, ou nas palavras do Lama da KTT “acalmar a mente”? Esse grupo existe como instituição? Como se organizam? Como gerenciam os gastos? Quem são as pessoas responsáveis pelo espaço?

Bem, me deparei com um tema: o Centro Budista Tibenato Karme Thegsum Tchoing; e uma pergunta principal: quais as relações materiais do espaço e o seu legado imaterial?

APRESENTAÇÃO

Apresento um trabalho monográfico em três blocos: o primeiro mais teórico, justificando o tema e inscrevendo o budismo no campo do conhecimento da cultura e da produção cultural, além de um breve histórico da saga do povo tibetano; o segundo é a história da KTT, uma exposição da gestão do espaço hoje e os desafios futuros; e o terceiro são as consequências e impressões dessa experiência em mim.

As referências bibliográficas da parte teórica não têm nenhuma novidade, são velhos conhecidos da minha graduação, quanto ao apanhado histórico sobre o Tibete me surpreendi com o silêncio da República da China em resposta à causa tibetana, fazendo parte da bibliografia basicamente sites de instituições e coletivos pró-Tibete. A segunda parte é inspirado em conversas com o Lama Karma Tarchin, o responsável pela KTT. As conversações serão entregues em mídia digital, mais especificamente em CD-ROM junto com a monografia. No CD contem duas conversas: uma com o Lama no dia 24 de Novembro de 2011 e outra no dia 4 de Dezembro, com alguns membros poucos minutos antes do começo da reunião semanal do grupo. Me surpreendi com a receptividade do grupo, todos se dispuseram a relembrar acontecimentos importantes da instituição de forma muito espontânea e enriquecedora para todos. Devo admitir também que grande parte das informações foram extraídas do convívio com a instituição, da experiência do cotidiano, que foi sem dúvida uma referência significativa.

Escolhi narrar em primeira pessoa por que me sinto mais a vontade. Não me preocupei em criar um narrador “neutro”, todos os dados desses escritos foram produzidos a partir de encontros. Em nenhum momento tive a intenção de “sair de mim” com o objetivo de lançar um olhar “imparcial”. Preferi ficar por aqui, ao meu redor.

BLOCO 1

1.1-A CULTURA E O BUDISMO

Tudo que sei é que nada sei.

Sócrates

Desde que me propus a fazer a monografia sobre o BUDISMO me pergunto como esse tema se relaciona com o curso de PRODUÇÃO CULTURAL. Essa pergunta me fere profundamente. Nesse capítulo me dedico a responder essa pergunta, que sim, ao contrario de muitas, tem algumas respostas. Entretanto para chegar exatamente a essa pergunta quero voltar à uma pergunta anterior que me afeta de forma muito mais agressiva e a mais tempo: O que é cultura?

Quando comecei a graduação pensava saber o que era cultura (e diversas outras coisas). Ao longo das aulas fiz dolorosas descobertas que revelaram inúmeras incertezas sobre o meu futuro profissional e intelectual. Tive contato com várias idéias sobre o assunto, seja em um próprio senso comum que não o meu, seja em textos de antropólogos e teóricos. Muitas dessas narrativas eram contraditórias e toda essa teia de informações que me foi apresentada parecia muito plural para as minhas verdades. A angustia e o desespero foram sentimentos muitos comuns durante meus estudos. Afinal, “escolhi PRODUÇÃO CULTURAL, mas o que é cultura? O que vou fazer com isso?” pensava inúmeras vezes. As certezas foram duvidadas uma a uma. A partir dessa diversidade de discursos repensei minhas práticas políticas, sociais, sexuais e espirituais.

Naturalmente fui me envolvendo mais com os assuntos acadêmicos do que com o mercado que me era proposto. Ouvia falar de “correrias” e de “projetos”. Minhas amigas constantemente me informavam de “cronogramas apertados para orçamentos reduzidos”. Essa atmosfera não era bem o que eu esperava (e ainda não espero, e nem desejo) para o meu futuro profissional, mas em alguma instancia, esse conjunto de elementos compunha o que a maioria das pessoas chamam de PRODUÇÃO CULTURAL. Bem, por muito tempo habitei esse vazio ENTRE os longos debates sobre cultura nas quentes salas de aula de Niterói e essa atmosfera hostil de PRODUÇÃO CULTURAL. Então, acredito eu que, o debate desses dois

pólos de significados será o início do caminhar para responder a pergunta que iniciei a monografia: como a pratica espiritual em questão se relaciona com o curso de PRODUÇÃO CULTURAL?

1.2- CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL

O conceito de cultura é profundamente reacionário.

Felix Guattari

Um complicador quando se começa a pensar CULTURA são os muitos significados que essa palavra pode ter. Ela carrega mesmo no senso comum muitas variações de sentido que muitas vezes em um contexto e/ou conjunto de narrativas podem se revelar contraditórias.

Por exemplo, quando dizemos que uma pessoa TEM mais cultura que outra, estamos usando um determinado conceito. Isso quer dizer que essa pessoa frequenta um determinado ambiente legitimado como cultural, ou possui uma série de saberes que é reconhecido também como tal. Esse significado permite uma desigualdade, uma cisão entre quem tem e quem não tem. Este conceito é nomeado por F. Guattari de cultura-valor (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p23). Neste sentido, a cultura não é necessariamente um bem, ou um produto. Ela é algo um pouco mais abstrato, porém muito presente. Seria uma delimitação de saberes específicos, um recorte virtual que algumas pessoas TEM acesso e outras não. Lembrando que essa lógica só é possível se as outras esferas de saberes não forem consideradas cultura (indo um pouco mais além ainda existe a possibilidade de algumas práticas serem consideradas não-saberes, mas não quero aprofundar nessa questão). Ou seja, a cultura aqui é um campo de saber específico e restrito, que se manifesta apenas para um grupo determinado de pessoas. Este gap entre os *culturais* e os *aculturais* traduz, muitas vezes, uma forma explícita de dominação. Nos livros de antropologia mais recentes e nos trabalhos monográficos essa problemática já está de certa forma explorada porém, ela ainda é muito presente na sociedade de uma forma geral e principalmente muito usada na linguagem dos freqüentadores da economia da cultura da produção cultural que citei anteriormente.

Outro pólo de significação da palavra em questão é o **conceito antropológico**. Este, sem dúvida é o mais democrático. Dentro deste contexto é possível admitir que todos tem cultura, porque engloba hábitos, língua, danças, sistemas de crenças, etc. Logo, não se pode escapar de alguma cultura. Podemos falar de vários tipos de cultura, por exemplo, a cultura de um país ou de uma cidade. Também podemos abranger para outros tipos de identificações como a cultura afro ou a cultura cristã. Em alguma instância aqui cultura são os modos de vida.

Para se manter vivo, independente do sistema cultural ao qual pertença, ele (O HOMEM), tem que satisfazer um número determinado de funções vitais, como a alimentação, o sono, a respiração, atividade sexual etc. Mas embora essas funções sejam comuns, a maneira de satisfazê-las varia de uma cultura para outra. (LARAIA,2001, p 39)

A palavra *maneira*, utilizada pelo antropólogo, me diz muito sobre o conceito antropológico de cultura; é justamente *como* vamos viver, *como* vamos nos inscrever na Terra, quais sentidos vamos dar para as nossas práticas e encontros ordinários ou extraordinários. É importante afirmar que a CULTURA sob essa significação ganha multiplicidade, se torna plural. Todos nós estamos inscritos em alguma ou em muitas culturas. Entretanto Laraia, através de exemplos, chama atenção que muitas vezes **naturalizamos os nossos hábitos e subjetividades e tratamos de cultura como um atributo quase exclusivo do outro** (LARAIA,2001, p9-17). Levi-Strauss também adverte para este perigo:

Preferimos lançar fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive (Levi-Strauss,1993,p 335).

A problemática inverte-se: legitimamos uma determinada forma de significar o mundo e determinamos que tudo que se difere dessas narrativas são modos de vida *culturais*. Este conceito ainda que democrático é passível de etnocentrismos, por muitas vezes aceitarmos as (nossas) estruturas sociais e/ou pensamentos como *naturais*, como estruturas dadas e não socialmente construídas. Guattari (que nomeia esse conceito de cultura-alma) ainda aponta que a antropologia muitas vezes considerou o outro de forma racista como por exemplo “mentalidade primitiva” que gerou uma “uma espécie de multiplicação do etnocentrismo”(GUATTARI e ROLNIK, 2011, p24). Por exemplo, quando uma amiga me convida para dançar, ela simplesmente diz: *vamos sair hoje para dançar?* Eu, entendo que, mesmo ela não especificando qual é esse modo de dançar, eu apreendo qual é o tipo de música e como é esse dançar, porque partilhamos de uma mesma cultura que tem um entendimento específico sobre esse dançar. Porém quando essa mesma amiga me convida para participar de danças em uma comunidade quilombola, nomeamos esse acontecimento de *programação cultural* e as danças ali praticadas de *danças típicas*. Claro, típicas do outro; e toda a atmosfera virtual que não a nossa, compartilhada pela minha amiga e eu, foi nomeada

cultural. O nosso dançar não precisou de especificações porque nos é apresentado como *natural*, como simplesmente “dançar”.

O terceiro sentido da palavra que Guattari nomeia é cultura-mercadoria.

A cultura são todos os bens: todos os equipamentos (como as casas de cultura), todas as pessoas (especialistas que trabalham neste tipo de equipamento), todas as referências teóricas e ideológicas relativas a esse funcionamento, tudo que contribui para a produção de objetos semióticos (tais como livros e filmes), difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal. Tomada neste sentido, difunde-se cultura exatamente como Coca-cola, cigarros ou qualquer outra coisa (GUATTARI e ROLNIK, 2011, p23).

Nesse sentido, a cultura entra numa lógica de PRODUÇÃO capitalista. A subjetividade no formato de PRODUTO, inscrita no mercado. Então “o mercado que me era proposto” era justamente a participação (em alguma parte) desta linha de produção do processo de criação e reprodução de subjetividade. Agora o sentido antropológico de cultura se transforma em um campo de possibilidades de apropriação desse mercado simbólico. Quero dizer que algumas canções podem se transformar em um show, uma dança em espetáculo e um ritual em uma peça de teatro. A matéria-prima da cultura-mercadoria são as subjetividades criadas a partir dos inúmeros encontros humanos. Essa inscrição de parte de algumas dessas subjetividades em formato de produto gera um outro espaço, que movimenta parte da economia, este âmbito eu chamo de PRODUÇÃO CULTURAL.

O que quero destacar dessa reflexão é justamente separar os diferentes sentidos que damos a palavra cultura. Claro que todos se relacionam entre eles. Por exemplo, as pessoas que consomem mais produtos semióticos ou culturais muitas vezes são consideradas pessoas de MAIS culturas que outras, caindo assim no conceito de cultura-valor. Entretanto essa visualização de pólos de sentidos me ajudará a inscrever o budismo na Produção Cultural e também na cultura no sentido antropológico da palavra.

1.3 - A DINÂMICA DA CULTURA

Nascemos para morrer, conhecemos pessoas para as deixar e ganhamos coisas para as perder

Provérbio Budista

O conceito antropológico de cultura foi eleito o mais adequado logo no início dos meus estudos. Entretanto, gradualmente me foram apresentadas outras problemáticas. Abranger a cultura para além das linguagens artísticas foi para mim um marco intelectual, que sinceramente vislumbro e desejo a todos os operários da cultura. Pensar esses assuntos, que permeiam o senso comum, de uma forma tão profunda me fez crescer bastante. Pensar o pensado é realmente um exercício mental positivo que a academia me propôs.

Ok, mas como definimos esses “modos de vida”? Quais são suas fronteiras? Como funciona essa integralidade e/ou até que ponto se pode defender uma autenticidade? E, principalmente, onde estão os limites entre um “modo de vida” e outro?

Tudo começa quando delimitamos uma forma específica de viver, agrupamos pessoas e enunciamos que essa é a cultura tal. Percebemos (ou criamos) laços de identidade que unem um determinado grupo de pessoas. Estabelecemos fronteiras imaginárias. Ao definirmos que um grupo se comporta dessa forma e este outro se comporta de forma outra, muitas vezes coagulamos esses modos de vida. As diferentes sociedades estão (e sempre estiveram) em contato umas com as outras, como afirmou Lévi-Strauss:

Jamais as sociedades humanas estão sós; quando parecem mais separadas, ainda o é sob formas de grupos ou feixes. (Lévi-Strauss, 1993,p323)

É interessante pensar que o antropólogo francês escreveu isso nos anos 50. Digo isso por que pode parecer óbvio que estamos todos conectados se pensarmos a partir da popularização da internet nos anos 2000. Mas o que eu quero ressaltar, e que sem dúvida foi um grande marco no meu caminhar do curso, foi a seguinte descoberta: as culturas estão sempre em contato uma com as outras; os modos de vidas estão sempre em contato uns com os outros. Claro que as velocidades e possibilidades de troca variam indubitavelmente a cada contexto histórico e geográfico.

Outro fator é que “nenhuma cultura está só, ela é sempre dada em coligação com outras culturas”². Ou seja, no interior de uma cultura existe a influência de outras culturas, talvez ousando um pouco mais poderia dizer que, uma cultura é *feita* de outras culturas. A cultura do Brasil, por exemplo, nos livros de história do meu 2º grau estava escrito que temos influência cultural dos índios brasileiros, dos africanos e dos portugueses. Bem, considerando que no território brasileiro existiam (e ainda existem) inúmeras tribos indígenas, e que os portugueses tinham comércios com algumas feitorias na costa africana que provinham de diferentes clãs e que a cultura portuguesa foi fortemente influenciada pelos árabes... Quanto mais olharmos para o interior de uma cultura mais vemos a influência de outras.

Esses encontros sugerem que as fronteiras imaginadas estão em contínuo estado de negociação! Essas formas de significar os acontecimentos estão cotidianamente expostas à outras, que se contaminam entre si. As vezes, sedimentamos sem desmesura essas fronteiras que nós mesmos criamos e transformamos a cultura em blocos de significações “imutáveis”.

Esse simulacro de coerência e esses limites rígidos já apontam para a idéia de autenticidade e isso é muitas vezes o nosso ponto de partida de análise que fazemos de uma cultura: se ela é autêntica ou corrompida por outras. Stuart Hall ao pensar a cultura popular faz as seguintes afirmações:

O perigo surge porque tendemos a pensar as formas culturais como algo inteiro e coerente: ou inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, enquanto que elas são profundamente contraditórias, jogam com as contradições, em especial quando funcionam no domínio do ‘popular’. (HALL, 2006, p239)

A questão aqui é problematizar um pouco mais o conceito antropológico. Pensar que a cultura nem sempre pode ser coagulada de forma muito rígida, as fronteiras que definimos estão em contínuo processo de “apropriação e ~~ex~~propriação”³, ou seja, simplesmente mudam o tempo todo. Defender a autenticidade de uma cultura é desrespeitar as inúmeras variáveis que as afetam, no “terreno da cultura”⁴ existem tensões e contradições e esses limites são porosos e atravessáveis. Prefiro pensar que cultura é esse palco que proporciona encontros,

² Lévi-Stauss, 1993, p359

³ HALL, 2006, p232

⁴ HALL, 2006, p245

que aliás são inevitáveis, e muitas vezes produzem significações plurais que por sua vez podem ser contraditórios. Hall ainda no mesmo texto sobre a cultura popular define:

A Cultura Popular não é, num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formações que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações acontecem. (HALL, 2006, p232)

1.4 -PRÁTICAS ESPIRITUAIS E CULTURA

Eu não procuro saber as respostas eu procuro compreender as perguntas

Confúcio

As práticas religiosas estão inscritas no terreno da cultura. Elas fazem parte dessa teia de sentido. É uma forma de significar, de ver o mundo, uma proposta de ser. Se alguém inicialmente me perguntar porque fazer um trabalho monográfico sobre Budismo, seria essa a minha resposta: porque se inscreve como um modo de vida, como cultura sob um ponto de vista mais antropológico.

Me proponho apresentar um breve histórico sobre o itinerário do Budismo Tibetano, do oriente ao ocidente. Será uma breve caracterização para situar no tempo e espaço o Centro Budista Tibetano Karme Thesum Tholing.

1.5 - O BUDISMO TIBETANO

Budismo é a religião fundada pelos discípulos de Sidarta Gautama, um príncipe de uma região que se chamava Sakya, que hoje se localizaria no Nepal. A palavra Budha significa “o desperto” ou “o iluminado” em sânscrito. O príncipe foi proibido por seu pai de sair do reino, e foi protegido da miséria, da doença e da morte. Até os 29 anos Sidarta viveu nos interiores de palácios. Entretanto, em sua primeira visita fora dos aposentos reais, discordando do pai, o príncipe viu os sofrimentos que rondam a humanidade. Ele viu miseráveis, enfermos e cadáveres. Chocado com esses encontros o jovem se viu com uma grande missão: acabar com o sofrimento dos homens.

Sidarta se isolou na floresta e se fez discípulo de importantes ascetas (pessoas que se propõe a viver com o menos possível em busca da iluminação). Aos 35 anos teve um total entendimento do sofrimento, e as maneiras de evitá-lo, se ILUMINOU. A partir desse momento peregrinou pela região, que hoje seria o norte da Índia, proferindo seus ensinamentos, o Dharma. Aos 80 anos o príncipe atinge o NIRVANA e/ou morre deixando cerca de 89 discípulos e nenhum escrito.

A princípio, Buda não é um DEUS, não existe um ser supremo segundo essa religião. Sidarta atingiu um estado máximo de evolução cósmica, o que muitos chamam de ILUMINAÇÃO, o Budismo é o COMO chegar neste estado de consciência. (COLEGIADO BUDDHISTA BRASILEIRO, 2007)

A difusão das práticas religiosas aconteceu através dos discípulos de Sidarta. Cada um apreendeu determinados conteúdos, deu ênfase em aspectos específicos, e percorreu lugares distintos. O itinerário desses saberes através do tempo e espaço dentro do budismo se chama linhagem.

A razão por que linhagem é tão importante é que ela continua a realização que foi obtida através dos ensinamentos do Buddha. Isso significa que todas as qualidades de liberdade e realização de um Buddha são realizadas em cada geração e passadas para a próxima geração, como o conteúdo de um vaso sendo vertido dentro de outro vaso. (KARME THEGSUM TCHOLIM, 2008)

De uma forma prática e grosseira podemos dizer que um indiano chamado Tilopa teve um encontro com o Buda que o passou seus ensinamentos, o mesmo se realizou⁵ com esses saberes e teve inúmeros discípulos, incluindo outro indiano chamado Naropa, que também se iluminou e repassou os saberes para seu principal pupilo Marpa que foi o primeiro tibetano dessa linhagem, esse processo se repetiu em terras tibetanas com Milarepa, Gampopa e Dunsun Khyempa, o primeiro Karmapa. “Primeiro” porque essa divindade continua a reencarnar na Terra até os dias de hoje. Aliás o atual líder espiritual da linhagem Kagyu hoje é a décima sétima reencarnação do primeiro Karmapa.

A questão cronológica não é precisa. É sabido que o Buda histórico viveu entre 563 e 483 aC. Oficialmente o Budismo (de uma forma geral, não exatamente essa linhagem) chega ao Tibete no século VI, mas é no século VIII que o então rei tibetano Trisong Detsen convida um grande mestre a região: o indiano Guru Riponche. Ele mescla tradições xamânicas antigas do Tibete e o Budismo praticado na Índia até então, popularizando a religião no país. No ano de 1100 nasce Dusun Khyenpa, o primeiro Karmapa.

Ainda dentro do Tibete existem mais três linhagens budistas: Sakya, Nyungma, e Gelug (COLEGIADO BUDDHISTA BRASILEIRO,2007).

⁵ Um indivíduo realizado é um indivíduo iluminado

1.6 - A DIÁSPORA TIBETANA

As criaturas de fora olhavam de um porco para o homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco.

George Orwell em A Revolução dos Bichos.

O Tibete é um país ocupado. Durante muitos séculos foi regido por monarcas, os Dalai Lamas. Este governante era o responsável político e espiritual, além disso também são (re)encarnações de um único ser: o bötshava⁶ da compaixão.

Até a primeira metade do século XX os tibetanos viviam sem eletricidade, sem carros, poucas estradas, e sem muitos outros avanços técnicos. A agricultura era pouco desenvolvida, não havia escolas, 90% da população era analfabeta (o único lugar que se poderia aprender a ler e escrever eram os mosteiros), o sistema de produção era baseado na servidão e no feudalismo. Este cenário econômico/social precário deixava a população, obviamente, com pouca mobilidade social. Os monges e nobres eram, em sua maioria, proprietários de servos e extensos latifúndios. A religião fazia (e faz) parte da vida cotidiana e dos laços identitários que unem a nação tibetana de forma muito significativa (BOYKIN, 2007).

Uma sociedade devota a produzir uma coisa: seres iluminados (BOYKIN, 2007).

Em 1949 a China sofre a Revolução Comunista e no mesmo ano Mao Tse Tung anuncia a “libertação” do Tibete e envia tropas à região. A invasão e ocupação do Tibete se inicia em 1949-50. Em 1951 o governo chinês propõe o “acordo dos 17 pontos” onde a China se comprometia a manter um sistema político independente, o status do Dalai Lama e liberdade religiosa. Ao passar do tempo, todas essas cláusulas foram amplamente desobedecidas pelo governo chinês.

A propaganda comunista em demasia, a repressão religiosa, e a destruição de símbolos nacionais, como os mosteiros (além de perseguições e torturas de líderes espirituais) gerou enorme descontentamento. A população e o oráculo real pedem para que o 14º Dalai Lama, Tenzin Gyatso de 16 anos seja formalmente nomeado líder político 3 anos antes do previsto.

⁶ “ser da iluminação; ser de grande compaixão que procura ajudar a todos os seres” glossário do Colegiado Budista Brasileiro.

O período de 1950 até 1959 é marcado por tensas negociações entre ambos os governos. A proposta inicial do Dalai Lama era que as transformações fossem graduais e que o Tibete tivesse, em alguma instância, autonomia - o que Sua Santidade chamará mais tarde por “self-rule” (BOYKIN, 2007). Entretanto a intolerância das tropas comunistas foram no mínimo, para não dizer completamente, insensíveis as diferenças culturais⁷ : os mosteiros foram saqueados, monges foram presos e torturados, a reforma agrária proposta pelos chineses não deu vazão ao abastecimento gerando fome. Incontáveis foram os protestos contra a colonização comunista, porém a superioridade bélica chinesa suprimiu com violência as manifestações, tanto pacíficas quanto as tentativas de guerrilhas. As medidas para o “progresso” do Tibete custaram 1,2 milhões de Tibetanos, um terço da população da época (STUDENTS FOR A FREE TIBET,2011).

Em 1959 o Dalai Lama fez o seu último teste de confirmação de santidade⁸. Tenzin Gyatso foi aprovado com louvor. Toda Lhasa⁹ estava em festa. No mesmo dia Sua Santidade foi convidado pelo governo chinês para uma apresentação de dança. A notícia se espalha pela cidade e a população temia pelo assassinato do monarca. Uma concentração de 30 mil tibetanos permanecem em frente ao palácio real. O exército vermelho se posiciona para o ataque contra a população civil. O monarca agora com 24 anos temendo um massacre foge

⁷ A principal divergência entre Chineses e Tibetanos, que no caso não foi respeitada, acredito eu, foi a descrença na religião dos comunistas e a religiosidade como principal criador de elo identitário no caso do Tibete. Essa questão acabou se transformando em uma ferida exposta. A religião pode criar e nutrir sentimentos cheios de potencia. Quando o pastor da Igreja Universal chuta uma imagem de Nossa Senhora no dia da Padroeira algo nos soa muito errado, mesmo não tendo muitos laços com a santa em questão. Este “algo” é a intuição que estamos ferindo profundamente a integralidade de um grupo ou até de uma pessoa. Quando estudo a história do Tibete tenho a mesma sensação. A China (e/ou qualquer outro ator que esteja fazendo o triste papel de colonizador) chuta santas.

⁸ ⁸ Os Monges tibetanos desenvolveram várias técnicas para reconhecer a vida passada de dos TULKUS, lamas importante que reencarnam na terra para dar continuidade às suas missões. Sempre que um Dalai Lama morre outro reencarna, pelo menos até agora. Sua Santidade já questiona a instituição DALAI LAMA e repensa se reencarnará ou não devido a pressões políticas chinesas. Enfim, a questão é que os Tibetanos desenvolveram uma práxis para confirmar as reencarnações importantes dos TULKUS. Essas reencarnações afetam diretamente a vida política e espiritual dos tibetanos. (GYATSO,2011)

⁹ Cidade sagrada para os Tibetanos e capital política antes da ocupação chinesa de 1949-50.

com mais 80 mil Tibetanos para as montanhas do Himalaia e depois para Índia. Antes de deixar o Tibete o monarca faz uma pequena cerimônia oficial que quebra todos os acordos feito com a China até o momento. Desde então o rei-botsatva nunca mais pisou em sua terra natal. O então primeiro ministro da Índia, Jawaharlal Nehru concede exílio aos Tibetanos. A partir daí o Dalai Lama instituiu o Governo Tibetano do Exílio com a sede em Dharmashala, Índia, ele também criou escolas, centros culturais e pólos de ajuda para acolher os refugiados e fortalecer a cultura tibetana. Nos anos seguintes cresceu verticalmente o numero de refugiados tibetanos que imigraram para Índia, Nepal, Butão e Estados Unidos. Sua Santidade sendo amplamente influenciado pelo ensino laico indiano funda o Centro Administrativo Tibetano (Central Tibetan Administration) que é composto por Poder Executivo, Legislativo e Judiciário. Em Março de 2001 o Professor Samdhong Rinpoche Lobsang Tenzin é eleito o primeiro Kalon Tripa¹⁰ do Tibete - e reeleito em 2006. As eleições em Abril de 2011 elegeram o Dr Lobsang Sangay como o atual chefe executivo. Um mês depois Sua Santidade anuncia que se ausentará completamente de todos os cargos políticos do Tibete, dando um fim na longa tradição teocrática de seu povo (CENTRAL TIBETAN ADMINISTRATION, 2009).

Hoje, a maior parte da população na região do Tibete é chinesa. O governo estimula a migração para a região através do melhoramentos das rodovias e uma linha de trem que liga Pequim à Lhasa. Muitos teóricos vêem a causa tibetana como uma causa perdida, já que a China não está disposta a negociar. A região dispõe de riquezas naturais importantes. Uma delas é o potencial hídrico, os grandes rios asiáticos tem nascente na região: o Ganges, o Indus, o Sutlej e o Brahmaputra. A abundancia de Urânio, principal matéria-prima de armamentos e usina nucleares. Alem disso, as altíssimas montanhas do Himalaia são pontos estratégicos para bases militares e porta mísseis, 25% dos mísseis chineses intercontinentais estão localizados no Tibete. A população tibetana, minoria em seu território sofre também uma repressão contínua. A língua tibetana foi abolida das escolas e a região é ocupada militarmente. O simples porte do retrato do Dalai Lama é motivo para a detenção. Muitas organizações pró-Tibete denunciam que o governo chinês prende sem direito de defesa e usam inúmeras formas de torturas (incluindo choques elétricos e suspensão aérea de membros superiores) contra ativistas tibetanos, Lamas e Monges. (TRAMONTINI,2009)

¹⁰ Kalon tripa é a autoridade executiva máxima do Governo de Exílio do Tibete eleito diretamente pela população exilada.

Depois que Sua Santidade ganha o Premio Nobel da Paz em 1989 a causa se internacionaliza e o monge se transforma no símbolo da injustiça de um povo e da luta pelos direitos humanos. Paralelo a isso, na região do Tibete a China continua a suprimir com violência os protestos contra a colonização. A situação fomenta a imigração de Tibetanos que se espalham pelo globo. Ao longo da diáspora por melhores condições de vida os tibetanos construíram templos budistas nos países (que de certa forma o receberam)¹¹ que a princípio funcionaram como centro de acolhimento de refugiados e/ou ajuda mutua de imigrantes mas que aos poucos chamaram a atenção de ocidentais interessados pelo pleito do Tibete (BOYKIN,2007).

Os mosteiros tibetanos são constantemente vigiados pelo exército chinês incentivando gurus, lamas e monges a migrarem para dar continuidade em seus afazeres espirituais. O espírito de experimentações transcendentais da década de 70 aproximou os jovens ocidentais das religiões orientais e mais tarde a figura do Dalai Lama imprimiu na década de 80 no ocidente a curiosidade sobre a espiritualidade no Tibete.

A Organização das Nações Unidas foi instituída em 1948. Ano que marcou a luta dos Direitos Humanos. Um ano depois a China invade o Tibete e uma série de desrespeitos contra a integridade de um povo acontece. Como a China faz parte do conselho de segurança da ONU e detém o poder de veto restringe as possibilidades de negociações. Paralelo às medalhas e alegrias dos jogos olímpicos de Pequim de 2008 tibetanos ateam fogo as vestes expressando últimos pedidos: FREE TIBET e VIDA LONGA AO DALAI LAMA (GRAHAM-HARRISIN, 2009)

¹¹ Recebidos no sentido de “aceitos” na condição de imigrantes.

BLOCO 2

2.1 - UM PASSADO PRÓXIMO: O BUDISMO TIBETANO DA LINHAGEM KAGYU NA AMÉRICA DO NORTE.

Como disse anteriormente o líder espiritual máximo hoje da linhagem Kagyu é a 17ª reencarnação do Karmapa. Porém antes de sua morte, o 16º Karmapa tinha planos de expandir sua linhagem para o ocidente a pedido de muitos ocidentais interessados. Sua intenção era inaugurar um grande centro Budista capaz de dar ensinamentos, formar novos Lamas, criar uma rede internacional de outros centros budistas sob sua liderança, além de um ponto de circulação da arte e cultura tibetana. Em 1976 Sua Santidade o 16º Karmapa funda o Karma Triyana Dharmachakra (KTD) no interior do estado de Nova Iorque no coração das montanhas Catskill como seu trono na América do Norte. Como abade foi escolhido o monge Khenpo Kartar Rinpotche que é responsável pelo monastério até hoje. Este monastério tem permissão para realizar o retiro mais tradicional da linhagem Kagyu: o de três anos e três meses. O retiro consiste em se isolar espacialmente e mentalmente do mundo. O espaço não tem internet, é proibido aparelhos celulares e computadores pessoais. O dia começa às quatro da manhã e segue intercalando práticas¹² (individuais e coletivas) e meditações. São servidas duas refeições vegetarianas por dia. Os participantes devem dormir preferencialmente na caixa de meditação na posição sentada. É proibido receber visitas e/ou convidados. Para que os participantes se acostumem com o programa singular do retiro é necessário também fazer um pré-retiro de dois meses (KARMA TRIYANA DHARMACHKRA, 2009).

A KTT é filiada à sede do ocidente, a KTD, assim como todos os centros budistas da linhagem kagyu na América.

¹² Os textos sagrados da linhagem Kagyu são recitados em Tibetano. Cada texto deve ser recitado numa determinada data. Além disso ao recitar esses mantras visualiza-se a deidade em questão e muitas vezes faz-se uso de outros instrumentos como o mala, rosário budista para contar as repetições dos mantras; sinos dentre outros.

2.2 - ENSINAMENTOS TIBETANOS, LAMA BRASILEIRO

Orlando Antônio do Nascimento nasceu na pequena cidade de Guaçuí no Espírito Santo. Se mudou para o Rio de Janeiro e começou a praticar o Budismo da linhagem Kagyu em 1989. No final dos anos 2000 o capixaba inicia o tradicional retiro de três anos e três meses. O praticante viajou aos Estados Unidos decidido a se aprofundar nos saberes budistas milenares da linhagem Kagyu. Nomeado Lama pelo próprio Khenpo Kartar Rinpotche, o brasileiro volta a sua terra natal com planos bem singulares, queria se “mudar para uma cidade pequena e abrir um bar”, conta em uma entrevista na KTT. Disposto inicialmente a “praticar o Dharma” por conta própria, sem planos de exercer seu novo cargo de Lama volta ao Rio de Janeiro quase quatro anos mais tarde dessa grande experiência.

Em 2004 cinco amigos budistas começam a procurar Orlando, agora também atendendo pelo nome de Lama Karma Tartchin, para esclarecimentos de dúvidas sobre algumas práticas, para evitar repetir a mesma coisa para cinco pessoas o Lama reuniu todos no mesmo dia em sua casa. Reuniões como esta foram se repetindo ao longo do segundo semestre de 2004. O Lama preocupado com o pouco espaço de sua casa pede para que essas pessoas não chamem outros interessados. Uma integrante do grupo que dava aula de yoga disponibilizou seu espaço de trabalho sem custos. A sala de Yoga era no Novo Leblon, quase Barra da Tijuca. Assim a reunião se dava periodicamente aos finais de semana. A ausência de móveis do espaço era perfeita para as reuniões.

As liturgias são recitadas em tibetano e o Lama praticou, estudou e sentiu o efeito de cada uma delas no retiro de três anos e três meses, o que difundia sua popularidade entre os budistas. A facilidade da língua (o Lama Tartchin é o único Lama brasileiro pela linhagem Kagyu) e a maneira simples de explicar atraía interessados. Muitos praticantes reclamavam que apenas repetiam as práticas, mas não sabiam se estavam fazendo corretamente, buscava-se comentários e ensinamentos sobre os textos sagrados e suas traduções.

No final de 2004 um praticante dividiu um sonho com o grupo. Sonhou com um grande retiro e disse que se prosperasse em alguns negócios ele mesmo cederia terras para a construção de uma casa de retiro. Esse presságio fez com que o grupo finalmente se organizasse de forma legal, se registrasse legalmente como uma **associação religiosa** civil. Houve uma outra mudança espacial, devido a dificuldade de locomoção até o Novo Leblon, os encontros passaram a ser ora na casa de um membro em Copacabana ora em outra sala de

yoga na Rua Barão de Ipanema, esquina com a Nossa Senhora de Copacabana. O grupo, mesmo institucionalizado permaneceu nômade até o início de 2007. Entretanto outro membro cedeu a utilização de um imóvel antigo que o mesmo possuía, que por muitos anos funcionou como uma fábrica de tecidos no Humaitá. A fabrica foi fechada em 2000 e o imóvel ficou seis anos inutilizado. O grupo se uniu mais uma vez para reformar o espaço. A casa da Rua Visconde de Caravelas 115 é o endereço oficial da KTT desde então.

As reformas começaram em Janeiro. O salão principal ficou pronto em Junho do mesmo ano. Este espaço priorizado nas obras é chamado de Gompa na tradição budista, que é o lugar onde acontece as práticas, meditações, ensinamentos e rituais. As reformas do restante dos cômodos aconteceu de forma gradual e durante todo o segundo semestre de 2007. A inauguração oficial aconteceu em vinte e três de Junho de 2007 com a visita e a benção de um mestre muito importante: 7º Yongey Mingyur Rinpoche. Em Novembro do mesmo ano a KTT teve a grande honra de receber a benção do abade da KTD, o Khenpo Kartar Rinpotche.

Desde 2007 a KTT realiza aos domingos: às 16h estudos de textos budistas e às 17h a prática do Tchenrezi, um ser iluminado que é a personificação da compaixão de todos os Budas¹³. As terças e quintas-feiras têm meditações em grupo. A KTT também realiza outras práticas para outras divindades como a Tara Verde e o Buda da Medicina¹⁴, mas que obedece também uma regularidade regido pelo calendário tibetano de acordo com a posição dos astros¹⁵. Todas as programações são dirigidas pelo Lama Tartchin.

¹³ No panteão do budismo tibetano existem muitas deidades, que são seres realizados: tantos Budas quanto Bodsatvas (futuros budas).

¹⁴ Tara Verde e o Buda da Medicina, representado com a cor azul, são de longe as deidades mais comentadas da KTT. Tara Verde é um Buda feminino que representa uma espécie de Mãe Sagrada, sua prática é associada a romper obstáculos, ou num linguajar mais umbandista “vencer demandas”. O Buda da Medicina representa a cura e a paz.

¹⁵ ¹⁵ A Astrologia tibetana é muito complexa e diferente da astrologia grega, que é a mais usada no ocidente atualmente.

2.3 - A GESTÃO SECULAR DO ESPAÇO SAGRADO

Nesta parte da monografia, de uma forma geral, exponho o funcionamento da KTT como instituição, e como se dá a captação e gestão de recursos necessários para sua existência. A KTT se fundou legalmente como associação religiosa, portanto darei um panorama de algumas burocracias que a instituição atravessou do início da sua formação até a data presente.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 já estabelecia o direito de liberdade de culto (BRASIL, 1988) e o Novo Código Civil de 2002 define associação como a “união de pessoas que se organizam sem fins lucrativos.” Então toda igreja, terreiro, centro budista ou espírita é uma associação religiosa e os membros são necessariamente associados. (SEBRAE/RJ, 2008)

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (o SEBRAE) sugere a organização dos grupos em associação em quatro etapas: **sensibilização**, que é um contato inicial das novas responsabilidades grupais e individuais; **constituição**, quando se realiza a assembléia de constituição também para compor a documentação necessária como a Ata de Fundação, duas vias dos estatutos, a relação dos associados fundadores e dos membros da diretoria eleita e o ofício de encaminhamento do cartório; fase **pré-operacional**, que é a fase de estabelecimento de sede, aquisição de móveis etc; e **operacional**, o funcionamento do grupo. (SEBRAE NACIONAL, 2011)

A sensibilização ocorreu quando houve a possibilidade de doação de um terreno para construção de uma casa de retiro no final de 2004. A partir daí o grupo teve um interesse por se institucionalizar como uma associação sem fins lucrativos. Pesquisaram juntos sobre as responsabilidades individuais e coletivas dessa nova fase.

A assembléia deu-se em pouco tempo depois, ainda no começo de 2005. O grupo que em 2004 eram seis em 2005 eram doze. Decidiu-se que sete seriam membros efetivos (sendo o Lama um deles), em outras palavras a diretoria, e os demais os membros associados, que contribuem financeiramente para a instituição. De forma geral, todos os membros contribuem financeiramente com a instituição. A fase pré-operacional se deu nas reformas da casa do Humaitá e da compra de objetos sagrados para compor o altar e o salão principal. Essa fase durou seis meses.

A gestão officiosamente ocorre de forma compartilhada sem obedecer a hierarquia legal. Quero dizer que os membros mais participativos naturalmente interferem na tomada de decisões, não necessariamente fazendo parte da diretoria. As necessidades fora do orçamento previsto também são rateadas entre o grupo. Por exemplo, os documentos da instituição que estavam na casa de alguns membros será transferido para a sede e portanto, se deu a necessidade de um arquivo. O custo da compra do mesmo foi dividido entre quem quis pagar.

Me chamou a atenção como a gestão se dá no meio virtual. Por exemplo, toda a organização da compra do arquivo está sendo feita via internet. O site da KTT é rico e constantemente atualizado. O espaço virtual tem vários textos dos mestres da linhagem kagyu, além de material em áudio. Se um integrante não vai à uma reunião pode ouvir os ensinamentos do Lama pelo site. Os associados contribuem depositando diretamente na conta da associação. Parece óbvio, mas não acontece na maioria das igrejas evangélicas, por exemplo, que recolhem a contribuição dos membros em espécie ou cheque. Outra diferença, percebi que assuntos financeiros não são tratados no gompa, salão principal, que é local do altar. Em muitas igrejas evangélicas se comunica assuntos referentes a gestão da comunidade durante o culto. O que presenciei na KTT é que problemáticas referentes a gestão são debatidas em outros cômodos destinados ao convívio. O gompa se destina especialmente para a liturgia de textos sagrados, ensinamentos e a meditação.

A figura do Lama Tartchin também é muito singular. Ele têm muito prestígio já que detém de muitos saberes sobre o budismo da linhagem kagyu, que é muito complexa. Existem muitas deidades, simbolismos e gurus. O Budismo de uma forma geral é um universo desconhecido dos ocidentais, logo o “poder” do Lama provém desses saberes, que todos estão buscando de forma “homeopática”. O fato de Orlando ser lama e não monge faz como que ele conserve características de pessoas “comuns”, por exemplo, ele pode se casar e disfrutar de uma vida social ativa, com poucas restrições alimentares e sexuais.

O Lama Tartchin sazonalmente faz viagens ao Nepal e Índia, para novos retiros e ensinamentos, e compra vários produtos litúrgicos para rituais e a manutenção de adornos e objetos sagrados no salão principal. Por exemplo, estátuas de Budas, tankas¹⁶, malas (rosário budista) e etc. O excedente é vendido para os membros e/ou interessados. Assim a KTT

¹⁶ São pinturas de Budas e outras deidades do panteão budista.

desenvolveu uma “lojinha” que vende artigos budistas da linhagem kagyü, para ajudar nos gastos mensais se necessário e também investir em projetos futuros.

O grande desafio da gestão da KTT hoje é comprar um terreno afastado da cidade para retiros. O Lama Tartchin e os membros não têm como se refugiar no período de carnaval, semana santa e outros feriados. O carnaval se revela como um grande obstáculo para os membros da KTT. Vários blocos carnavalescos como o SÓ CAMINHA (concentração no Largo dos Leões), o BLOCO DE SEGUNDA (concentração na cobal do Humaitá) além de muitos outros tumultos prováveis que podem acontecer no período carnavalesco (e pré-carnavalesco) que podem possivelmente interromper meditações e práticas (OFOLIÃO, 2011). Além disso nesse período pousadas, lugares de retiros e palestras estão em altíssima temporada dificultando ainda mais as reuniões.

A casa de retiro vislumbrada pelo sonhador no final de 2004 se transformou na principal necessidade e desafio da KTT hoje. Até porque, os negócios do mesmo não ocorreram como ele esperava e o terreno não foi doado.

BLOCO 3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?

Mahatma Gandhi

Essa monografia simboliza várias conquistas. A mais importante delas foi a possibilidade que tive de refletir a cerca da espiritualidade de uma forma geral. Minha família, tanto de parte de mãe quanto de pai, é evangélica. Logo a relação com o sagrado sempre foi presente na minha casa, seja no vocabulário cotidiano, seja na relação inter pessoal. Frequentei igrejas evangélicas até os meus quinze anos. Depois disso mergulhei num ceticismo profundo, num eterno culto a razão e a dúvida. Aos dezenove iniciei a graduação em Produção Cultural que fomentou ainda mais as minhas dúvidas a cerca do mundo. Passei cinco anos duvidando do meu curso, pensei em mudar de graduação diversas vezes, chorava porque não sabia ao final “o que era cultura e seria produtora cultural”. Duvidava de Deus, duvidava da relação sujeito e objeto, professor e aluno, das palavras e das coisas e muitas vezes de mim.

Nesse sentido, acredito estar perfeitamente inscrita na pós-modernidade. O filósofo Luiz Felipe Pondé acredita que a pós-modernidade é justamente a ressaca da razão moderna (PONDÉ, 2009). Depois de cinco anos na academia rejeitando toda e qualquer idéia de sagrado finalmente me propus a repensa-lo. Admiti que a ética cristã media muito das minhas idéias e comportamento e que em alguma instância eu sou “judaico-cristã”, como toda a nossa sociedade. A partir desse pressuposto percebi que sempre estive em contato com o sagrado e que a melhor forma de repensar isso não é rejeitando o divino de forma irracional, ou em uma linguagem budista, tendo aversão, e sim de investir no contato com outras religiões. Isso não é um manifesto anti-semita, muito menos anti-cristão, mas é uma advertência a monopólios de sentidos de existência. Cada religião é um sistema de sentido, uma forma de se inscrever no mundo, e a diversidade delas numa sociedade ou na vida de uma pessoa, no caso a minha, é enriquecedora. A pluralidade é a maior arma contra o fundamentalismo religioso e acadêmico. Logo essa monografia é uma celebração da diversidade religiosa.

A experiência de freqüentar um centro budista me fez perceber que adotar uma religião não é mendigar algum sentido de existência. Aliás essa sensação só é conhecida pelos céticos. Ser crente de uma prática religiosa é ser parte do mundo, do todo. Sentir no corpo o sabor da completude e não a ansiedade da falta. A modernidade condena a irracionalidade mas se utiliza da razão de forma irracional e além disso não aceita a irracionalidade no interior da idéia de humanidade. A monografia mesmo não fazendo uma análise de conteúdo do budismo tibetano, aproxima de alguma maneira o pensar científico racional, muitas vezes defendido na academia e a religião. Repensa a cisão entre o sagrado e o profano além de contribuir para diversidade religiosa, já que o budismo se inscreve como minoria no cenário religioso brasileiro.

Este trabalho monográfico celebra uma nova possibilidade de me RELIGAR com o mundo, de me “ajeitar” melhor. É dizer: “eu faço parte”, que é diferente de “me falta parte”. Me exponho aqui de forma tão desnuda porque acredito que esse dilema das ”partes” também atravesse muitos outros jovens na contemporaneidade.

O mal estar que vivi no interior da cultura evangélica não se dá pelos dogmas da instituição, mas sim pelas fronteiras imaginadas rígidas que descrevi no primeiro bloco. Pelo fato de tudo se explicar pelas mesmas vias. Quando me vi num mundo em que as fronteiras são negociadas o tempo todo, que tudo está em total impermanência inaugurei uma nova forma de ver, sentir e agir.

O antropólogo Laraia acredita que cultura é uma lente sobre o qual vemos o mundo (LARAIA, 2001). A cultura judaico/cristã, como disse anteriormente faz parte dessa lente, dessa *forma* de ver. Entretanto transcendendo o fundamentalismo a partir de atravessamentos de outros sistemas de sentido e me inscrevo no mundo disposta a me resignificar, colocando em prova as rígidas fronteiras modernas.

Cultura não são apenas *modos de vidas*. Cultura é o espaço onde ocorrem as danças das fronteiras que nós criamos para delimitar os tais *modos de vida*. E aí somos todos bailarinos, sempre “apropriando e ~~ex~~propriando”¹⁷. Essa monografia foi uma cartografia dessas danças a partir do tema budismo, felizmente personificado pela KTT. O atravessamento desse sistema de sentido em mim e tudo que imprimi em decorrer desses encontros, que foram felizes.

¹⁷ mesmo que a nota 3

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Livros:

GUATTARI, F e ROLNIK, S. **Cultura: um conceito reacionário?** Micropolítica: cartografias do desejo. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes,2011.

HALL, Stuart. SOVIK, Liv (org). **Notas sobre a desconstrução do “Popular”**. In.: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. 1ª reimpressão revista. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

LÉVI-STAUSS, Claude. **Raça e História**. In.: Antropologia Estrutural Dois. 4ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1993.

Documentos Eletrônicos:

SEBRAE/RJ. **Primeiro Passo, Planejamento Empresarial, Organizações Religiosas**. Rio de Janeiro, 2008.

Oficiais:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** : promulgada em 5 de Outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Novo Código Civil**. Lei nº 10.403 de 10 de Janeiro de 2002. Aprova no novo código civil brasileiro. Brasília, DF, 2002.

Periódicos:

TRAMONTINI, Cerys Christiany de. **Os Direitos Humanos Violados no Tibete**. Revista Bodisatva. Março, 2009. Edição 17. P32,45.

GRAHAM-HARRISIN, Emma. **Distúrbios no Tibete Sinalizam Desafio ao Regime Chinês**. O Globo online. 23/03/2009.

Áudio-visual:

BOYKIN, Kim **The Dalai Lama: the soul of Tibet**. New York, NY. 2007.
Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=iozQ8PRzDpQ> acesso em 20/11/2011.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A invenção do contemporâneo: o tempo sagrado e o tempo profano**. Programa exibido na TV Cultura no dia 9 de Dezembro de 2009. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=Z5owpO3GYLk> acesso em 01/12/2011.

Internet:

CENTRAL TIBETAN ADMINISTRATION. **About CTA**. 2009. Disponível em:

<http://tibet.net/en/index.php?id=14> acesso em 20/11/2011.

COLEGIADO BUDDHISTA BRASILEIRO. **As Questões Buddhistas** 2007.

Disponível em:

<http://cbb.bodhimandala.com/cartilha/index.php?newsid=1&tipo=cartilha> acesso em 15/11/2011.

_____. **Glossário**. 2007. Disponível em:

<http://cbb.bodhimandala.com/cartilha/index.php?newsid=24&tipo=glossary&letter=B>

acesso em 15/11/2011.

GYATSO, Tenzin. **Statement of His Holiness about the fourteenth Dalai Lama, Tenzin Gyatso, on the Issue of His Reincarnation**. Dharamsala. 2011. Disponível em:

<http://www.dalailama.com/messages/tibet/reincarnation-statement> acesso em 15/11/2011.

KARMA TRIYANA DHARMACHKRA. **KTD**. 2009. Disponível em:

<http://www.kagyu.org/ktd/index.php> acesso em 03/12/2011.

KARME THEGSUM TCHOLIM. **Budismo Tibetano**. 2008. Disponível em:

<http://www.kttbrasil.org/centro/vajrayana> acesso em 03/12/2011.

OFOLIÃO. Programação dos Blocos. Rio de Janeiro, RJ. 2011. Disponível em:

<http://ofoliao.com.br/category/programacao-dos-blocos-de-carnaval-do-rio-de-janeiro/> acesso em 01/12/2011.

STUDENTS FOR A FREE TIBET. **Tibetan History**. New York, NY. 2011.

Disponível em:

<http://www.studentsforafreetibet.org/section.php?id=29> acesso em 15/11/2011.

SEBRAE NACIONAL. **Roteiro para Criar uma Associação**. Rio de Janeiro, RJ.

2011. Disponível em:

http://www.sebrae.com.br/setor/apicultura/sobre-apicultura/empreendimentos-coletivos/associacao/integra_bia/ident_unico/7831 acesso em 01/12/2011.

ANEXOS



Gompa, salão principal.

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/taqueopa/638935599/in/set-72157600261379626>

acesso em 05/12/2011



Fonte:<http://www.flickr.com/photos/taqueopa/830044052/in/set-72157600856469389>

acesso em 05/12/2011



Altar principal, com a foto de Sua Santidade 17º Karmapa ao fundo.

Fonte:<http://www.flickr.com/photos/taqueopa/sets/72157624152443691/?page=3>

acesso em

05/12/2011



Fonte: <http://www.kttbrasil.org/galeria/photos/category/5-khenpokarthar2011> acesso em 05/12/2011



Khenpo Karma Rinpoche.

Fonte: <http://www.kttbrasil.org/galeria/photos/category/5-khenpokarthar2011> acesso em 05/12/2011